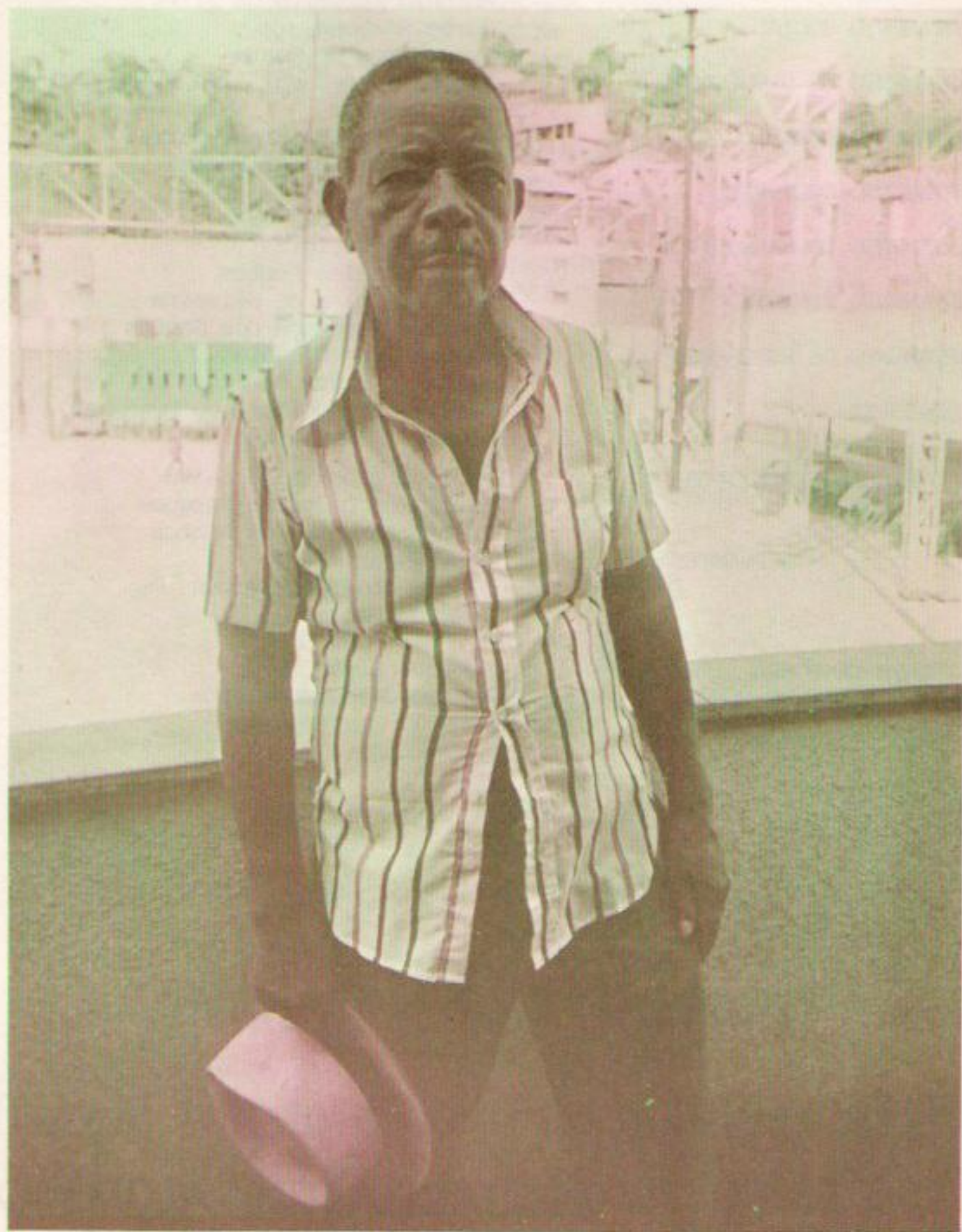


# MANGUEIRA



CARNAVAL 77



## DIRETORIA

- PRESIDENTE
  - VICE-PRESIDENTE
  - DEPARTAMENTO DE FINANÇAS
  - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
  - DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO
  - DEPARTAMENTO SOCIAL
  - DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO
  - DEPARTAMENTO JURÍDICO
  - DEPARTAMENTO CULTURAL
  - DEPARTAMENTO DE HARMONIA
  - DEPARTAMENTO FEMININO
  - DEPARTAMENTO DE ESPORTES
  - PROCURADORIA
  
  - CONSELHO FISCAL - EFETIVOS
  
  - SUPLENTES
  
  - PRESIDENTE DE HONRA
  - VICE-PRESIDENTE DE HONRA
- Ubirajara Maximino  
Jobel de Carvalho Almeida  
Arivaldo da Silva Mattos  
José Narcísio Teixeira  
Dimas Tojal  
Luiz Leite Medeiros  
Jair Campos da Silva  
Antonio Ferreira da Silva  
Jorge Barbosa  
Cyro Ramos de Moura  
Manoel Soares da Silva Filho  
Lecy Brandão  
Alcyone Vieira Pinto Barreto  
Reydmir de Aguiar Pontes  
Sabino Barroso  
Julio de Matos  
Olivério Ferreira  
Alberto Sales Pontes  
Eusébia Silva de Oliveira  
Jandira Mendonça dos Santos  
Valdir José Claudino  
Reinaldo Silva de Oliveira  
Alcides Evangelista de Mendonça  
Juvenal Alves Filho
- Paulino Ribeiro da Silva  
Isaias de Oliveira Marques  
Inácio Antonio dos Santos  
José Roque  
Sidney José dos Santos  
José de Macedo
- Juvenal Lopes  
Homero José dos Santos



## ESQUADRIAS DE ALUMÍNIO

RUA CORONEL AMILCAR MAGALHÃES, 54 - TELS.: } 281-9586  
DEL CASTILHO - RIO DE JANEIRO - RJ } 281-6366  
} 281-6946



PANAPANÃ, O SEGREDO DO AMOR

SAMBA-ENREDO

Autores: Jajã e Tatinho

MANGUEIRA ! HOJE EM EVOLUÇÃO  
CANTANDO MOSTRA COM LOUVOR  
O MITO EM SUA MÁXIMA EXPRESSÃO  
PANAPANÃ, O SEGREDO DO AMOR

NOITE, INQUIETAÇÃO TRANSPARECIA  
NO SUSSURRO DAS MATAS  
ONDE O AMOR EXISTIA  
NO PRATEADO ARVOREDO  
PRESENTINDO O SEGREDO  
AVES COM PLANGÊNCIA SE OUVIA  
E JACY ENGALANADA  
REINAVA ATÉ O RAIAR DO DIA

LINDO AMANHECER !  
FLORES, TERRA, GENTE  
GUARACI TODO LUZENTE  
DANDO A TODOS SEU CALOR (PARA O AMOR)  
CHUVA, SOM DE CACHOEIRA  
IARA TODA FACEIRA  
JÁ SURGIA EM SEU ESPLENDOR

UIRAPURU ERA PURA ALEGRIA  
ONDE SE VIA QUE DA HARMONIA  
DOS SERES NASCE O AMOR, Ô, Ô  
ERA LINDO O ENTE ALADO  
EM RODOPIO MULTICOR  
ERA RUDÃ EM PLENO REINADO  
MOSTRANDO QUE A FORÇA DA VIDA  
É O AMOR

(MANGUEIRA !)

## Niterói e São Gonçalo

Trazem a todo o povo da querida "Cidade Maravilhosa" e a seus visitantes, as homenagens e os cumprimentos pelo majestoso carnaval de sempre.



O G. R. E. S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DA MANGUEIRA  
APRESENTA, PARA O CARNAVAL DE 1977, O ENREDO  
PANAPANÃ, O SEGREDO DO AMOR

ENREDO:

Luís Fernandes

FIGURINOS:

Ricardo Carneiro Aquino

ALEGORIAS:

Júlio de Matos

ROTEIRO: COMISSÃO DE CARNAVAL

- Jobel de Carvalho Almeida (Presidente)
- Alcyone Vieira Pinto Barreto
- Cyro Ramos
- Darcio de Almeida
- Djalma Arruda
- José Narcísio Teixeira
- Luís Fernandes
- Olivério Ferreira (Xangô)
- Pedro Paulo Lopes
- Ricardo Carneiro Aquino
- Sidney José dos Santos

AGRADECIMENTOS

Fluminense Futebol Clube

Organizações TED

Casas Sendas

Elcisa

Cofrelar

BNH

A.S. Lima Cia. Ltda.

Metalmic Indústria e Comércio Ltda.

Magnatas F.S.

King Sport

SENAI - DR - RJ

Franco Brasileira

San Siro

Mundial Artefatos de Couro

Bolsas Poquet

Gillete do Brasil Ltda.

Lojas Helal

Camélia Flores

Clube de Regatas Flamengo

4.º Batalhão PM - RJ

17.º DP

Armazém dos Pescadores

Arroz Lanceiro

VII Região Administrativa

ESSO Brasileira de Petróleo

Imprensa - Falada - Escrita - Televisionada

Top-Tape Música Ltda.

Mit Mercado Indústria de Tecidos - Av. Suburbana, 9098.

Contemporânea





Champonis



### APRESENTAÇÃO

O GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA apresenta-se em seu Carnaval-1977, com o enredo inédito PANAPANÃ, O SEGREDO DO AMOR.

O seu maior desejo, vontade também maior, da mais tradicional agremiação carnavalesca, é apontar o veio para todos quantos, dos vizinhos ou longínquos para deiros, vindos para prestigiá-la com aplausos, das imagens e belezas que contêm as tradições que se podem chamar autóctones, inéditas no aproveitamento conjunto, até agora apenas sublimadas de per si, pela imaginação de alguns artistas populares.

Desta forma, com arrojo, ao invés de se deter num aspecto de tradicional regionalismo, procurar mostrar senão todos, pelo menos os mais significativos mitos que o brasileiro tem como fabulário.

Aproveitados individualmente têm servido os mesmos como fonte de inspiração literária. Todos eles, entrelaçados, pelo maior sentimento, integram a estória contada adiante, que revela um segredo e a boa índole daqueles antecedentes que, mais do que em tudo, também acreditaram no amor.

Eis, portanto, em 1977, a Mangueira: - trazendo míticos elementos reais, diretamente obtidos e observados em nosso meio social, ainda que de remota origem, possibilita que as artes populares, entre elas a aperfeiçoada pelas Escolas de Samba, adquiram maior e mais transcendente espírito de universalidade humana.

### INTRODUÇÃO

Contos populares ?

Mitos ?

Ou ambos, quando se trata de Amor ?

Conto e Mito !

E por que não, se o Mito resulta direta e primitivamente da transformação de elementos legendários em fábulas, sendo trabalho do espírito coletivo, espontâneo ?

Ou conto também, porque até hoje - e a Mangueira prova - o mito ecoa, graduado, acrescentado, como a transmissão lhe impôs.

Mito ou conto, seja qual for a ordem, Conto ou Mito, o Amor subsiste e nele há um segredo: o da harmonia dos seres, do sentimento novo, do mesmo ressuscitado, daquele que com o tempo cresce, que faz parte do ser, que mesmo no esquecimento, morto ou vivo, oferece a imortalidade.

Homem-bicho ...

Bicho-Homem ...

Homem-crente, no que crê ...

Homem-Homem ...

Índio, Branco, Negro ...

Brasil, terra grande de grande gente ...

De Mito ...

De Humanidade ...

ONDE TAMBEM O AMOR CRESCEU.





Chapin 76



## E S T Ó R I A

### QUADRO I - A NOITE

Serena, nascia a Lua, dealbando a terra !

Emplumadas, aves virgens gorgitavam por ela que já chegara, como gorgeariam mais tarde, pelo amanhã, o novo dia, já de manhã.

Deuses superiores, os três, Guaracy, Rudá e Jacy zelavam por tudo: viventes, vegetais, pelo amor.

E quem diria àquelas tantas que muito haveria de haver ... Ou já havia, pelos rincões sem entrada ... Pelos céus ... Pela verdália ... Pelo Brasil de então...

Jacy reinava ! Com ela toda a mata. Só, pouco habitada, floresta indesbravada. Noite calma, aclarada, pelo fulgor das estrelas, pelo cintilar do luar.

Soturnas aves, plangentes cantos, Urutaus de sua corte, inquietos, de ramo em ramo, pelas franças, esperavam ver por que já sentido, o segredo que lhes seria trazido, também por ser voador.

A ele se descobriria ?

Quem sabe ?

Só ficando. Para todo ele ver.

Com Jacy, a sua corte, de deuses, seres, espécies ... fenômenos. Ela, rainha das aquelas noites, regente do que não é natural.

### QUADRO II - O DIA

E ela toda escoara !

Noite finda, era dia, o sol já se acordara.

Rósea manhã ... quem diria ! Cessara o ressonar do arvoredado, mas lá estavam, flores, resplandeciam, bálsamo místico, a embalar quem amava, quem vivia !

Nossa gente !

Nossa terra !

A água que por ela descia ... Corria. Seus entes no afã de regê-la. Caminhos prá descobri-la.

Cantando o amor, seu amor, pensando sê-lo o maior, lá ia, revoando, Uirapuru, raro pássaro, a enfeitar a ramagem, ela que sussurrando, deixava a luz reinante passar.

Guaracy ... Mãe-Pai ... Dos que como ele viventes, ele doce ente, acalentava o amor para amar.

Era dia !

Logo antes, meia-noite, ela toda ... toda a água passava. Num mágico instante, fugidio momento, ela mesma parara. Sobre ela, à flor dela, despontando, grande corte, o esplendor de mãe das águas, Dona Iara.

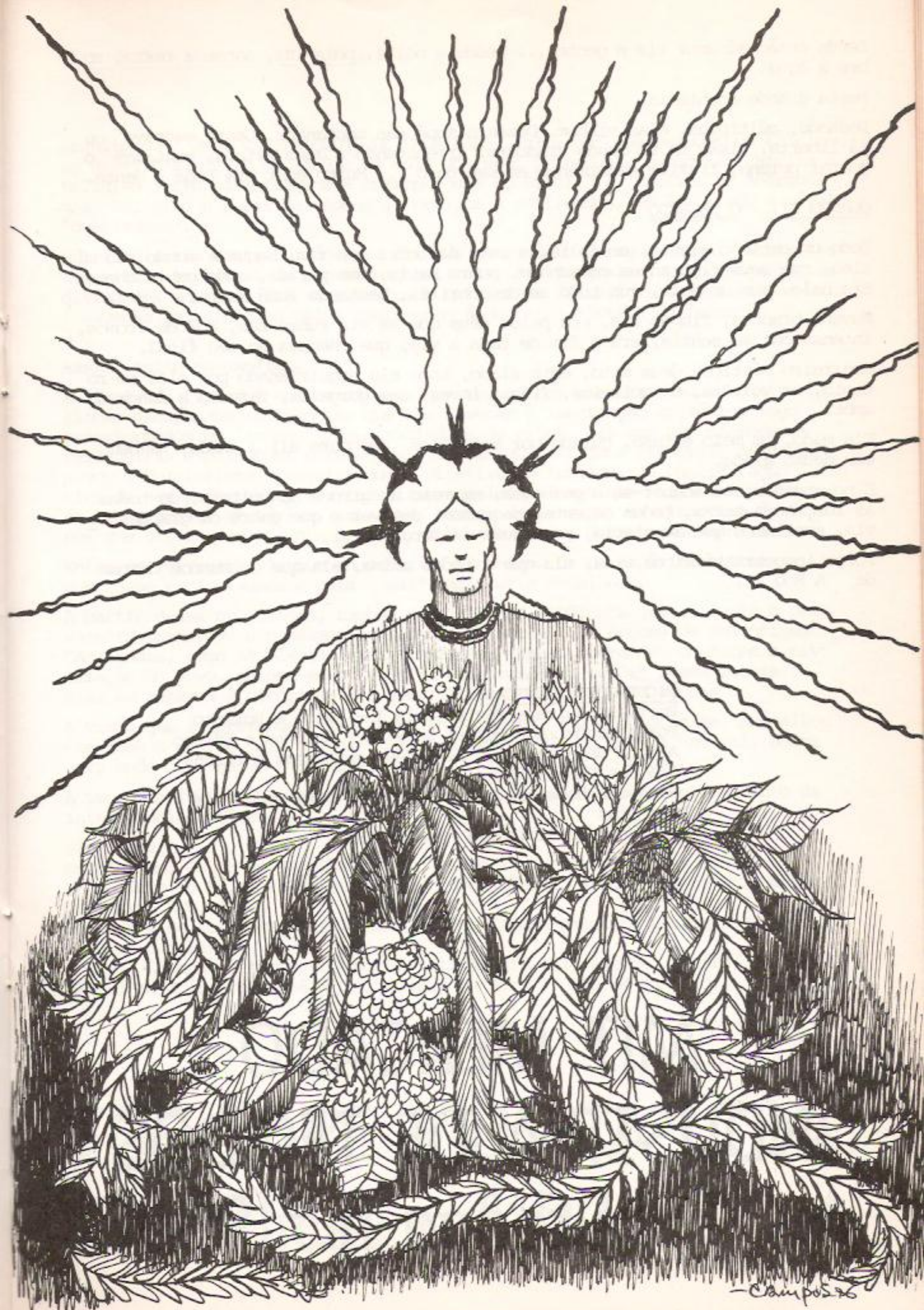
TRANSDIFER

AUTO PEÇAS LTDA.

RUA MONSENHOR MANOEL GOMES, 2/4

TELS.: 234-4152 - 264-8500 - SÃO CRISTÓVÃO





- Campos 96



Desde então só amor via a gente ... Desde a noite, pela luz, sobre a terra, sobre a água.

Festa grande acontecia.

Rodando, múltiplas, elas vinham. Desde o sopé das montanhas. Gente escrava ou já liberta, visão de um mundo vindouro. Arrebatando a quem estava, cantavam o gostar perene, traziam sentimento em seu coro ... Muito amor prá toda a gente.

### QUADRO III - O SEGREDO

Todo um cortejo seguia, em folia, a reta da terra sem fim. Naquele mundo tão místico, que seus figurantes compunham, ponto havia, uma parada, onde cabia chegar. Era nele, quando dela, que tudo se descobriria, bastando Rudá reinar.

Nuvens brancas, fim do dia, era pelos céus que se via rubro tom, cor de cromos, intensa paz se sentia, era o fim de toda a via, que chegava ao seu final.

Guerreiro místico, deus mito, ente alado, todo ele enguirlandado por elas em rodopio, em volutas, em volteios, finas, leves, sem gorgeios, fazendo a dança do amor.

Ele mudo, em meio êxtase, guiado por suas aias, descobre ali a amada, também ela deusa alada.

E no encanto, ao acabar-se a passagem, em meio ao giro e ao volteio, de todas as forças da terra, todos os entes pequenos, sem ver o que entre os grandes havia, sentiam o que acontecia, por causa da força maior.

Força inquebrantável da vida, ela que a todos anima, ela que os mundos chamam de A M O R .

#### FIGURAÇÕES TÉCNICAS:

Porta Bandeira e Mestre Sala I - Neide e Roxinho

Porta Bandeira e Mestre Sala II - Mocinha e Edinho

Ala da Bateria; suas bahianas, princesas e rainha

Ala dos Compositores

Alas dos Boemios, Periquitos e Só Para Quem Pode

Artistas

Bahianas Tradicionais - AS FLORES

**MIT MERCADO**  
**INDÚSTRIA DE TECIDOS**  
**Av. Suburbana n.º 9098**



Arquitetou-a José Vieira COUTO DE MAGALHÃES, iniciador dos estudos do Folclore no Brasil, a partir de 1859 e de dois dos seus principais estudos: "Família e Religião entre os Selvagens - Antropologia do Brasil" e "Ensaio de Antropologia, Religião e Raças Selvagens", reunidos e publicados, em 1876, sob o título "O Selvagem".

Extraordinária contribuição para fixar o patrimônio com que, hoje, também, se valoriza a expressão do pensamento nacional, é a Teogonia Tupi o conjunto de divindades sobre o qual se estruturou um sistema de religião, seres esses mais frequente relacionados pelos aborígenes à doutrina mística da formação do mundo.

Assim, muito se explica.

A índole do tupi foi essencialmente guerreira. Nem por isso, seu espírito belicoso escapou às influências que lhe levaram à imaginação episódios logo transformados em lendas, toda a variedade de mitos, ela que nos oferece as verdadeiras explicações para as mais intrincadas origens etnográficas desse povo. O Folclorista, pesquisando ou objetivando instituir a manifestação autêntica do seu pensamento, fez ressaltar aqueles valores que estiveram presentes ao seu processo histórico, extraíndo mesmo, do passado, os elementos estéticos que distinguem a gente brasileira dentre outras deste nosso continente.

Entre os selvagens, "nunca encontrei a concepção de um espírito sobrenatural que fosse exclusivamente para o mal", afirmaria Magalhães.

A partir dessa proposição, também João BARBOSA RODRIGUES justificaria o pensamento primitivo e o desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem: "As lendas, como as plantas transplantadas, também medram e, conforme a civilização do povo, perdem-se ou vigoram enfeitando-se com as cores locais ... elas se referem à vitórias, aos guerreiros, à caçadas, aos amores".

A visão que se pretendeu tirar das lendas, aqui, foi a do deleite. Ressaltou-se-lhes o que de mais singelo têm, exaltando delas a poesia natural, sobre esta onde não reside o pavor ou moram as influências do medo.

A Teogonia Tupi é mostrada, então, como o mais sutil encanto e ornamento da inteligência indígena.

#### Bibliografia:

- O Selvagem, Couto de Magalhães, Rio de Janeiro, tip. da Reforma, 1876.  
Dicionário do Folclore Brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, Instituto Nacional do Livro, MEC, 1972.  
Antologia do Folclore Brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, Livraria Martins Editora, São Paulo.  
Lendas, Crenças e Superstições, Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1881.  
Brasil no Folclore, José Ribeiro, Editora Aurora, Rio de Janeiro.

**TOP-TAPE MÚSICA LTDA.**  
**Rua Alice, n.º 97**



R O T E I R O

<u>ALEGORIAS</u>	<u>PERSONAGENS</u>	<u>FIGURAÇÕES</u>	<u>ALAS/GRUPOS</u>
<u>ABRE-ALAS</u>			
Comissão de Apresentação			Velha Guarda
Nossos Céus			Comissão de Frente
Genios das Florestas			Em Cima da Hora Chove Não Molha Menestréis
Ente das Noites	Francisco		
Constelações			Metidas a Bacana
Suindaras, Aves das Len das de Amor			Corte Deixa Falar
Passaro Plangente	Anisia		
Aias de Jaci			Mimosas Depois eu Digo
As Fases de Jaci	Doralice Wanda Etelvina		
Corte de Jaci			Princezinhas Charmosas
Damas da Noite			Ninguem e de Ninguem Jambetes Embaló
Genio das Matas	Luís Carlos		
Pirilampos			Gatinhas
Verdalia	Martha		
Luares			Turistas
Esplendor de Jacy	Edith		
Grupo Verde			Passistas
<u>O REINO DE JACI</u>			
Alvorecer			Ultima Chance
Encantos da Manhã			Duques Caprichosas
Gotas de Orvalho	Gilvanete		
Nossa Gente			Reis Embaixadores
Tenue Madrugada	Elvia		
Nossa Terra			Deixa Comigo Meninas da Praia Príncipes
Rosea Manhã	Jandira		
Seres das Águas			Moderninhas
Doces Entes			Intocaveis Esforçados
Raro Passaro	Laerte		
Viventes			Seresteiros Justiça
Genio dos Dias	Theresinha		
Fulgores			Bahianas Destacadas
Visagens dos Campos			Comigo Ninguem Pode
Anhanga Rei	Toninho		

**ARROZ E FEIJO**

Cuja qualidade garante bom gosto e economia, lhe



R O T E I R O

<u>ALEGORIAS</u>	<u>PERSONAGENS</u>	<u>FIGURAÇÕES</u>	<u>ALAS/GRUPOS</u>
Entardeceres			Verde e Rosa Deixa Isto Prã Lã
Acalanto Para Guaraci	Wilson		
Caaporas			Hippies
SEQUITO DE GUARACI			
Cortejo			Sambrasas O Problema é Seu
Cores e Cromos			Bacanas Bahianas Granfinas Barões Funcionários Passistas
Grupo Verde e Rosa			
Mito	Margarida		
Mítico Mundo			Fidalgos
Encanto			Amazonas
Entes Alados			Invencíveis
Gênio das Nuvens	Lauro		
Chuvas			Nobres Milionários Delegadas
Gênio das Chuvas	Alvaro		
Forças da Terra			Sorriso no Caminho Sô Vai Quem Pode Brasinhas - Brasões
Dança do Amor	Indaia		
Volteio	Jorge		
Guirlanda do Amor	Marilene		
Extase	Carlos Vitor		
Corte de Caire			Caçulinha
Caire	Lidia		
Entes Maiores			Granfinos Nós Somos Assim
Caititi	Maria		
Corte de Caititi			Impossíveis
Maior Encantamento	Maria Helena		
Corte de Ruda			Aliados Firmeza Grupo da Miriam
Intensa Paz	Daise		
Entes Pequenos			Mirim II
Panapanã	Marcia Cristina		Mirim I
Deusa Alada	Ilazir		
Ruda	Jorge		
SEGREDO DO AMOR			
Grupo Rosa			Passistas

**ÃO LANCEIRO**

desejam um carnaval de paz, de amor e de alegria.



JACI

Mãe geral dos vegetais, dos frutos, ela que preside o crescimento, é a Lua. Irmã e casada com o Sol (Guaraci), em sua homenagem os indígenas faziam grandes festas, com cantos e danças, logo que resplandecia nas suas fases Nova e Cheia. Ser-lhe-iam submissos os seguintes entes: SACI, BOITATÁ, URUTAU e o CURUPIRA.

Saci

Encantado, é entidade graciosa e, em muitas oportunidades, zombeira. Atribuíram-lhe, a partir de fins do século XVIII, os colonizadores, ações malélicas. A maneira como hoje é caracterizado - negrinho, de uma só perna, carapuça vermelha, fumando cachimbo - nada tem a ver com a visão do indígena, com as suas origens mais puras.

Demonstra, segundo alguns, o seu amor através do buliço, da astúcia e da força que detem de proporcionar riqueza, de poder dar dinheiro. Aves existem com o seu nome.

Boitatá

Um dos primeiros mitos registrados no Brasil. Seu amor se revela protegendo os campos contra aqueles que o incendiam. É a cobra de fogo, é o "menan" (grosso madeiro em brasa), que faz morrer por combustão a quem incendia inutilmente qualquer paragem, ou castiga, como fogo purificador, aqueles que amam incestuosamente.

Urutau

Ave noturna, seu canto melancólico retrata a dor pelo amado morto. Está cercada de lendas. Tão forte é o sentimento que representa que em muitos locais do Brasil sua pele era usada como preservativo para donzelas escaparem de sedução.

Curupira

Ente fantástico das matas brasileiras. Dirige a caça, sendo senhor dos animais.

Protege as árvores. É o ser dos pactos e dos segredos. Como outros entes, seus atributos e formas físicas foram gradativamente deturpados pelo elemento colonizador.

Ama as florestas, conhecendo-lhes os mais escondidos recantos, fazendo nela perderem-se aqueles que se revelam ameaça.

GUARACI

O Sol no idioma tupi. A explicação da luz diurna. A mãe do dia. Tem como irmã e esposa Jaci, a Lua.

Criador de todos os viventes, dirige o reino animal através de seres protetores das espécies. Sob o seu domínio estão os seguintes subdeuses: ANHANGÁ, CAAPORA, UIRAPURU, UAUJARÁ, ou a IARA como querem-no alguns pesquisadores.

Anhangá

Muito antigo mito brasileiro, sendo o deus da caça dos campos.

**Esso Super Lubrifica  
Melhor**



Demonstra seu amor protegendo todos os animais terrestres contra os índios que quisessem abusar de seu pendor para a caça, a fim de destruí-la inutilmente. Ele se consubstancia no próprio destino da caça do campo.

A tradição representa-o como um veado branco de olhos de fogo. Contudo, assentamentos há que permitem visualizá-lo não só como tatu, mas também como boi e mesmo gente, esta última a mais primitiva.

#### Caipora

É morador do mato. Homem, na sua visão mais comum, bastante grande, recoberto por cabelos. Protetor da caça, ressuscita os animais, através de encanto, mortos sem a sua permissão, apavorando qualquer caçador que dele se acerque. Este encantado seria inteiramente assimilado pelo negro trazido para o Brasil.

#### Uirapuru

Pássaro ornado é a maravilha da mata. Quando aparece e faz ouvir o seu canto, dizem que todos os pássaros da vizinhança acodem para ouvi-lo.

Ao uirapuru preparado conveniente por mão de pagé se atribui a virtude de tornar feliz e trazer fortuna a quem o possuir. Pertence-lhe o domínio dos pássaros. É o ente protetor das aves.

#### Uaiará/Iara

"Na tradição tupi, Uaiará, como escreve Couto de Magalhães, era o nome a quem estava confiada a guarda dos peixes. O animal em que se transformava era o boto. ... Uaiará, segundo o autor de "O Selvagem", é também um grande amador das nossas índias; muitas delas atribuem seu primeiro filho a alguma esperteza desse deus, que ora as surpreende no banho, ora se transforma na figura de um mortal para seduzi-las, ora as arrebatava para debaixo d'água, onde a infeliz é forçada a entregar-se-lhe. ... Conforme frisou Bilac, é ao mesmo tempo homem e mulher, homem para seduzir as mulheres, e mulher para seduzir os homens. ..."

Detivemo-nos na forma em que ficou mais conhecido o ente. Na feminina, conhecida em todo o Brasil como a mãe d'água.

O indígena, por sua própria concepção teogônica não admitia a sedução sexual nas Cis, as mães, origem de tudo. Não tinham forma e a função era a defesa do elemento que haviam criado (toda a fauna aquática). Somente a partir da segunda metade do século XIX fixar-se-ia a atual imagem das Iaras, mulher-peixe de encantos sem igual.

#### RUDÁ

Couto de Magalhães, descrevendo a teogonia dos tupis, informa que Rudá ou Perudá era o deus do amor indígena, encarregado de promover a reprodução dos seres criados. "As tradições o figuram como um guerreiro que reside nas nuvens. Sua missão é criar o amor no coração dos homens, despertar-lhe saudades e fazê-los voltar para a tribo, de suas longas e repetidas peregrinações". Transcreve-se, a seguir, invocação que era feita ao pôr do sol ou da lua a esse deus da teogonia tupi:

"Ó Rudá, tu que estás nos céus,

E que amos as chuvas ...

Tu que estás no céu ...

Faze com que ele (o amante),

Por mais mulheres que tenha,

As ache todas feias;

Faze com que ele se lembre de mim.

Esta tarde, quando se ausentar no ocidente".

"Como os outros deuses, parece que tinha deuses inferiores, a saber: CAIRÉ e CAITITI".



### Cairê

A Lua Cheia.

Sua missão é despertar saudades no amante ausente. Segue-se invocação em seu louvor:

"Eia, ô minha mãe (a lua),

Fazei chegar esta noite ao coração dele (do amante)

A lembrança de mim".

### Caititi

A Lua Nova.

Sua missão é, igualmente, despertar saudades no amante ausente.

Eis a invocação a esta forma da lua, considerada pelos índios como um ente distinto:

"Lua nova, lua nova!

Assoprai em fulano lembrança de mim,

Eis-me aqui, estou em vossa presença;

Fazei com que eu tão-somente ocupe o seu coração".

O deus do amor tinha também a seu serviço uma serpente que reconhecia as moças que se conservavam virgens, recebendo delas os presentes que lhe levavam, e devorando as que haviam perdido a virgindade.

T O D A S   A S   C O I S A S   C R I A D A S   T Ê M   M ã E

Bibliografia: Dicionário do Folclore Brasileiro-Luís da Câmara Cascudo.

Eis o fundamento básico da teogonia indígena.

Segundo o crer do índio "CI" (mãe, na forma antiga) foi a origem e hoje presidente ao destino das coisas que dela se originaram.

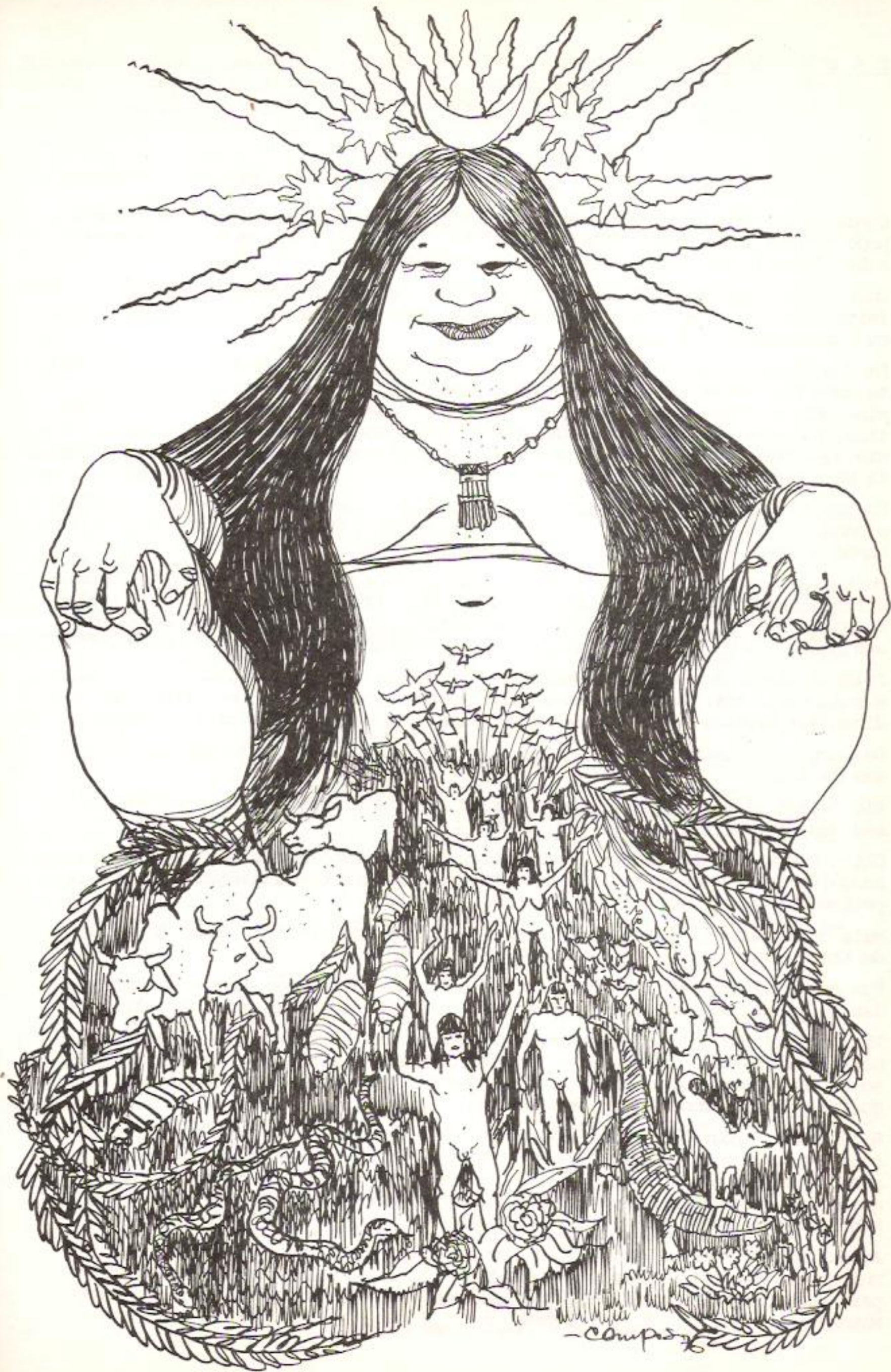
O indígena não concebe nada do que existe sem mãe. Simplista, estende a necessidade de uma mãe, que ele teve para existir, a tudo o que existe; o pai ... não seria de necessidade absoluta. A mãe, pois, é sempre necessária para que haja vida. Por força disto tudo, mãe é a CI. Como verdadeira mãe que é, não abandona os seres que lhe devem a vida, vigia-lhes o desenvolvimento, guia-os e protege-os para que consigam o próprio destino, acompanhando-os e protegendo-os da nascença até a morte.

A criação é, portanto, devida à fecundidade das mães das coisas, animadas ou inanimadas, ou melhor, das coisas, porque para o indígena que acredita na CI não há coisas nesta ordem: todas as coisas têm alma. A ela é devida a sua conservação.

Sem a mãe não há vida, nem a vida se conserva. A CI é indispensável para a conservação e perpetuação, como o foi para a primeira produção. Assim, todas as coisas têm mãe, uma mãe, que vive da mesma vida, têm as mesmas necessidades, lutas, prazeres e instintos das coisas que lhe deram o ser e são estas mães, começando pelo Sol (GuaraCI) e pela Lua (JaCI), que, quando precisam, se engeham de tornar propícias. Quem isto consegue vive na abundância de tudo, é feliz em tudo !

Indispensável ou impossível, diante do amor que dá a CI ao seu filho, falar aqui desse maior sentimento.







José Carlos Neto

Comparar o trabalho de um general estrategista com o de um diretor de harmonia pode parecer a primeira vista absurdo. Mas a equivalência, em termos de responsabilidade, é por demais válida.

Um e outro, guardadas as devidas proporções, dependem primordialmente da perfeita coordenação dos seus liderados para alcançarem sucesso. Seja numa batalha ou num campeonato de samba.

Em Mangueira, do Buraco Quente ao Chalé, com passagens por ruelas mil, não existe quem não conheça e respeite MESTRE XANGÔ. Sua presença inspira liderança, sincronia e entrosamento. Seu apito, que não é de ouro, comanda multidão frenética, cujo balanço corporal segue quase que com perfeição o ritmo, dando sequência ao canto. É a HARMONIA. Ponto vital para conseguir-se unidade, primeira meta para o sucesso num desfile.

Da sua continuidade vem o entrosamento. Um erro, por menor que seja, significa o caos. A escola atravessa. Perde-se totalmente, quebrando o ritmo, diversificando o canto e confundindo a coreografia.

Muitas, quase a maioria, sofrem, ano após ano, os males deste erro. A Mangueira, afirmam orgulhosos seus componentes, não. Para isso lá está Xangô, cujo trilar do apito faz com que, magicamente, passistas, ritmistas, pastoras, destaques e até mesmo o povo, movam-se, cantando, num espetáculo de rara coordenação.

Falar de Xangô é lembrar de Chico Porrão. Reverenciar Cartola. Discutir estilos e analisar vidas. Os saudosistas não esquecem o carrancismo de Porrão. Muitos dizem que levaram pancadas firmes nas pernas do exigente condutor de harmonia.

De Cartola as pastoras contam histórias. Revivem serestas e se embalam em coisas de amor.

Ele falava baixo. Tinha papo de namorado e deixava todo mundo na bronca. Mas seu comando era incontestado. Prá valer.

Chico Porrão morreu. Deixou saudades. Cartola é vivo. Cheio de bossa e sucesso. Xangô, o atual mestre, veio depois. Fazendo teste e tendo que provar a sua capacidade.

Mais de 30 anos se passaram desde que SEU Olivério Ferreira - nome de batismo de Xangô - ocupou o posto do bom Agenor (Cartola).

Sua ascensão foi lenta. Primeiro o teste, recurso hoje não mais usado nas escolas de samba. Depois, pouco a pouco, mostrando o seu valor como versador.

Para chegar até ensaiador de quadra Xangô mostrou personalidade. Inspirou simpatia. Jamais usou de cabresto. Compositor famoso, com discos faturando sucesso durante o ano todo, Xangô jamais esquece os títulos acumulados na sua Mangueira querida como Diretor de Harmonia.

Hoje, com o progresso sempre crescente das aparelhagens de som, com as inovações e motivações renovadas minuto a minuto, todos na Mangueira não cantam e não gingham sem ouvir antes, lá mesmo na descida do morro, o apito vibrante daquele que é também o Rei do Partido Alto, Cidadão Samba e agora, mais recentemente, Rei do Samba.

Agora, quando mais um carnaval se aproxima, quando a angustia toma conta de muitos e o nervosismo domina outros tantos, Xangô, calmo e feliz, está pronto para mais uma batalha. É o REI que vai ver novamente a sua RAINHA, a eterna MANGUEIRA.



Juntos, na imensa passarela iluminada, eles vão disputar mais um título. Cientes da sua capacidade. Do seu talento. Indiferentes ao modernismo e voltados para as tradições de ontem, mas que vão mostrar ao povo e aos juizes a visão maior do samba da verde e rosa.

Lá no céu Chico Porrrão estará torcendo. Aqui, em meio a multidão, Cartola terá sua atenção voltada para o seu pupulo mais dileto.

Na pista, apito na boca, comandando a HARMONIA, Mestre Xangô vai tentar ratificar mais uma vez em 10 anos a garantia da nota máxima neste quesito que é quase tudo no deslumbrante desfile do samba.

Xangô é General de Harmonia ... no Mundo Encantado da MANGUEIRA.

## A Í V E M M A N G U E I R A

Maria Barroso

Ser público de desfile de escola de samba é como ser pai em sala de espera de maternidade: o medo de que alguma coisa saia errada aliado à esperança de seu cesso dão aquele vazio no estômago que não some nem a poder dos cachorros-quentes vendidos a peso de ouro e que a gente sempre acaba comprando, pois, se não chegam a matar o nervosismo, pelo menos enganam a fome de horas e horas de espera pela mais querida (que não há quem não tenha a sua, não me venha dizer que não ...).

A espera ... Não posso esquecer das impressões que se sucedem, das implicâncias e amizades que se formam, das trocas de comes e bebes, daquela angustiante sensação de aperto que faz a gente pensar: "Bom, agora não cabe mais ninguém! Nem meu melhor amigo ...". Doce ilusão: muitas famílias ainda irromperão pelas arquibancadas, armadas de isopores, almofadas, agasalhos, crianças, plásticos, faixas, bandeiras, chapéus e, naturalmente, guarda-chuvas, pois quem já pegou mau tempo alguma vez não se esquece jamais do guarda-chuva, nem que tenha ouvido São Pedro pessoalmente garantindo noite aberta. E todo mundo se instala. Muito bem. E às vezes ainda há cara para reclamar da "mã vontade desse pessoal".

Pois é ... Esse burburinho todo consegue distrair mas não acaba completamente com um ou outro sobressalto mais rebelde vindo lá das profundezas: glória ou desastre? E cá estamos de volta à questão da mais querida. Prá mim, MANGUEIRA. Mas calma lá, não vão pensar que mais querida signifique não vibrar com todas as outras. Nada disso. O coração da gente é enorme na noite de domingo prá segunda de carnaval. Não há quem não se arrepie o tempo todo ora com o samba de uma, ora com a bateria de outra, ora com o passo impossível de algum sambista inspirado, ora com a cara de alguma daquelas baianas bem velhinhas em que voce bate ao acaso o olhar, ora com a majestade de uma porta-estandarte, e outras mil maravilhas que a palavra, simplesmente, não consegue descrever.

Porem ... Ah! Porem, sempre há um caso diferente. A Manga me mata sem dó nem piedade há muitos anos. Me lembro da primeira vez que vi um desfile e ainda não tinha preferência por nenhuma escola, que isso só acontece na avenida, não acontece em ensaio, nem de se ouvir contar, nem de ver pela televisão, nem de olhar fotografia em revista: a prova final, só ao vivo, no meio daquela multidão emocionada e emocionante; arrepio e vazio no estômago a gente tem prá to

**ENTRE NO SAMBA COM  
ROYAL LABEL**



das, mas ARREPIO e VAZIO no estômago a gente só descobre de quem é no cara a cara da Avenida.

E lá vem, finalmente, a MANGUEIRA. Agora sim, o momento mais aflito da noite. A escola na boca para entrar. Voce tentando subir no degrau de cima (e deixando o danado o cara de trás), procurando ver de qualquer jeito alguma coisinha. Manga-Manga, como sofre quem vai lá te ver de perto ... Mas não tem nada ! O medo de um fracasso não chega aos pés da alegria que envolve um mangueirense depois de um desfile que deu certo.

Pois é MANGUEIRA, ser público de desfile de escola de samba é como ser pai em sala de espera de maternidade, mas prá quem torce por voce é como saber com antecedência que estão prá vir trigêmeos.

## A Q U A D R A   D A   M A N G U E I R A

Alcyone Barretto

Quadra ou terreiro é o lugar onde a escola de samba ensaia o seu carnaval. E Cartola conta que o primeiro terreiro da Mangueira foi atrás da casa da Joana Velha, no terreno do barraco de Abelardo Bolinha, sendo ali que se ensaiou o nosso primeiro carnaval, isto há quase meio século.

No terreiro de Abelardo Bolinha a verde e rosa ensaiou três ou quatro anos até que ele se foi do morro, quando, então, a Estação Primeira perdeu sua quadra.

Cartola e o pessoal da antiga vendo que onde morava Dona Luzia, uma cabocla de cabelos compridos, tinha um terreno grande, com árvores e de frente, pediram que ela permitisse a realização dos ensaios. E foi assim que a Mangueira ganhou a sua segunda quadra.

Depois o cobrador do morro, um português, cedeu aquele terreno para se fazer a sede, isso na época que o Presidente era Saturnino.

Carlos Cachaça, Cartola, Chico Porrão, Antonico, Julio Moreira e tantos outros, ali no Buraco Quente, fizeram os alicerces e levantaram as paredes ... o dinheiro era pouco, quase nenhum.

Uma noite, pela primeira vez uma grande autoridade vem ao samba. Era o Prefeito Pedro Ernesto que, assistindo ao ensaio, teve o seguinte diálogo:

"Ué, mas cadê o telhado ?

Cadê as janelas, cadê as portas ?"

"Não temos doutor !"

"Eu vou mandar para voces".

Pedro Ernesto mandou o material e os ensaios se transferiram para a casa de Julio Moreira, pai de Sinhôzinho, até que a sede ficasse pronta.

Raimundo de Castro, criado no morro da Mangueira e que conhece a história da Estação Primeira, numa entrevista gravada por Alberto Pontes e num papo de botequim comigo, contou o que sabe.

Na década de 40, quando Marcelino era o Presidente e Hermes secretário, os ensaios passaram a ser na Cerâmica, na Rua Visconde de Niterói, pois a Mangueira cresceu e a sede do Buraco Quente continuou pequena. E durante muitos anos, uns



vinte mais ou menos, o terreiro da Mangueira foi na Cerâmica.

Um dia a notícia corre. O Governador Lacerda desapropriara o Morro da Mangueira e queria dar um terreno lá no alto, no fim da Sayão Lobato, para a Escola construir a sua sede e a quadra de ensaios.

Pereira, o valente Beleléu, convence Juvenal a "no peito" cercar um terreno, cá em baixo, ao pé do morro, na Visconde de Niterói, e, assim, se inicia a construção da antiga sede.

Os ensaios saem da Cerâmica, a quadra passa a ser onde hoje é o Palácio do Samba, terreiro no qual a Estação Primeira, em 1977, ensaiará o carnaval do seu cinquentenário.

## B R I N C A D E I R A

Ivan Cavalcanti Proença

(MITAVAI ARANDU - menino feio e sábio)

Os piás, nossos curumins, brincavam muito. Porque para a criança Índia não havia a palavra PROIBIDO, tudo era muito livre e solto, sem castigos e repressões por parte dos pais-sociedade e natureza se identificando.

Os meninos brincavam de imitar pássaros, de arco-e-flecha, e de lutar, predominantemente, o que valeu a observação de Cascudo no sentido de que eram brincadeiras menos lúdicas que utilitárias. Também, já conheciam o pião e seu cor del e tinham inúmeras maneiras, e malabaristas, de fazê-lo girar. Jogavam bola os meninos: bola de borracha maciça, ou palha de milho ou couro da preguiça, espécie de futebol, chutes pra lá e pra cá. Com as meninas, faziam rodas imensas e jogavam a bola uns para os outros, não podendo deixar cair. Mas não havia entre as crianças as palavras em torno do ódio, de ofensa, não xingavam os pais: simplesmente porque o vocabulário indígena, aí, não chegava. Prá que?

As meninas tinham bonecas - de barro ou de palha (todas registradas e descritas nas pesquisas de Karl von den Stein); e se divertiam - ainda utilitariamente - enfiando os peixes, pilando, fiando algodão, etc.. Dançavam em grupos com os meninos, ao som de chocalhos que eles mesmos faziam, danças todas aprendidas com os adultos. Outra brincadeira muito apreciada, a de pegar, espécie de pique.

As crianças índias inventaram a peteca, que chamavam PAPA, peteca feita de espiga de milho, algumas até enfeitadas com pena de arara, achatadas em baixo para adaptar-se às brincadeiras com a palma da mão.

Até que chegaram os jesuítas. Aí suas brincadeiras, e até a imitação das cerimônias guerreiras dos pais, tudo passou a ter um sentido dirigido e exclusivamente religioso. Registrou, a propósito, o padre Fernão Cardim, à época:

"Os curumins com muitos molhos de flechas levantadas para cima faziam seu motivo de guerra e davam sua grita, e pintados de vários cores, nuzinhos, vinham com as mãos levantadas receber a bênção do padre, dizendo em português: "Louvado seja Jesus Cristo!".

Brincadeira em língua nativa, indígena (no nheengatu) registra-se como: MUSA RAIN. E, curiosamente, quer dizer "fazer esquecer".

Até que chegaram os outros homens brancos. E o MUSARAIN dos curumins talvez esteja sendo também dirigido: BAITAN, por exemplo. Cabe à gente não esquecer.



Assim como há clubes que dão sorte com goleiros, a Estação Primeira de Mangueira é uma privilegiada em matéria de porta-bandeira. Antigamente, era Nininha - uma festa. Depois, surgiu Neide, que só tem dado alegrias à escola. E ainda se dá ao luxo de manter como segunda porta-bandeira essa maravilhosa Mocinha que, se mudasse de escola, seria a primeira certamente.

Neide Gomes Santana, além de ser uma pessoa a quem se deve amar, é uma porta-bandeira que soma vitalidade e graça como poucas sambistas. É uma estrela, sem dúvida. Uma dançarina que, se vivesse num país que se preocupasse com a cultura popular, estaria dividindo o seu tempo entre as apresentações na Mangueira e as exibições no palco, em espetáculos de dança de alto nível (acho incrível que nenhum coreógrafo brasileiro até hoje tenha manifestado o menor interesse pela dança do mestre-sala e da porta-bandeira. Deve ser por falta de tempo, já que passam o dia inteiro procurando a melhor fórmula de copiar coreografias norte-americanas).

Neide, além de dançar, é uma teórica em matéria de coreografia de porta-bandeira e chegou até a revelar-se ao reporter Jorge Segundo alguns segredos da dança: ser ótima bailarina, muita atenção no mestre-sala e maldade no olhar (assim como um bom reflexo) para acompanhar o que se deve fazer.

Em outra entrevista, quando anunciou o seu propósito de ganhar pela quinta vez consecutiva o Estandarte de Ouro - e conseguiu - afirmou que quando leva a bandeira da Mangueira não se preocupa com os jurados, mas em mostrar tudo o que sabe, acrescentando que a porta-bandeira deve ser comunicativa, simpática, ter muita moral e não ser pedante: - o sorriso - acentuou - tem que ser permanente. Saber sambar, conhecer todos os mistérios, encantar o público e nunca querer "se exhibir".

Porta-bandeira há 25 anos, Neide contou com a ajuda inicial de Tia Lina, que também desempenhou a função na Mangueira há muitos anos atrás, e de Xangô, que a escolheu entre seis candidatas para ocupar o lugar deixado por Nininha. Com Tia Lina aprendeu certos mistérios só permitidos a quem tem acesso às dinastias do samba.

Tudo isso explica tanta nota dez em sua biografia. Tudo isso e mais alguma coisa, pois, devota de Cosme e Damião que é "não adianta botar o nome de Neide na encruzilhada, porque não vai pegar". Ela fala com a bravura de quem perdeu o marido e assumiu a direção de um botequim-restaurante em São Cristóvão, onde chega às cinco horas da manhã e começa a preparar as comidinhas caseiras que serve a uma fiel e devotada clientela.

Voce que anda preocupado com tanta coisa que anda atrapalhando a beleza das Escolas de Samba, preste atenção a Neide quando a Mangueira passar. Duvido muito que, depois disso, voce não tenha se reconciliado com o samba das Escolas.

## A Isso Saúda os Sambistas da Mangueira



A.S. LIMA CIA. LTDA.

Rua Frolick, 73 - Rio de Janeiro

Dentro do programa de  
comemoração do seu 10.<sup>o</sup>  
aniversário

saúda os carnavalescos do Brasil  
através da Estação Primeira de  
Mangueira.



**Caderneta de Poupança**  
 **COFRELAR**

Copacabana (**Av. Copacabana, 534**)

Centro (**Treze de maio, 45**) (**Buenos Aires, 100**) (**Rio Branco, 128**)

Botafogo (**Voluntários da Pátria, 212**)

Tijuca (**Conde de bonfim, 10**)

Jacarepaguá (**Av. Nelson Cardoso, 1284**)

Campo Grande (**R. Viúva Dantas, 35**).